



ALCOOLISMO E MEIO RURAL

ALCOHOLISM AND THE COUNTRY ENVIRONMENT

ALCOHOLISMO Y MEDIO RURAL

Luci Mara Bertoni

Professora Titular da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)
Docente do Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade (UESB)
GePAD – Grupo de estudos e pesquisas sobre Gênero, Álcool e Drogas
E-mail: profaluci@uesb.edu.br

Rosângela Vasconcelos Raimundo Santos

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade (UESB)
E-mail: rosangelavasconcelos@hotmail.com

RESUMO:

O consumo de bebidas alcoólicas é comum em âmbito mundial. A influência de algumas culturas que estabelecem práticas e rituais, tais como consumir bebidas alcoólicas, principalmente, as destiladas, em cerimônias religiosas, comemorações de nascimentos, nos momentos fúnebres, dentre outras situações, são tradições que se encontram fortemente arraigadas no contexto sociocultural de muitas comunidades, constituindo, portanto, um potente difusor do uso do álcool em nossa sociedade. Apesar de pouco se falar desse consumo entre as comunidades rurais, podemos perceber que os dados são preocupantes entre essa população, o que nos despertou interesse em buscar entre homens e mulheres rurais suas representações e hábitos no tocante à temática estudada e a naturalização do consumo que perpassa rituais amplamente difundidos na comunidade em estudo. A bebida é usada para diversos fins (religiosos, medicinais e de diversão) e está presente no cotidiano dessas pessoas.

Palavras-chave: Alcoolismo; bebidas alcoólicas; comunidade rural.

ABSTRACT:

Consuming alcoholic drinks is a worldwide practice. The influence of some cultures which establish some practices and rituals, such as drinking alcoholic drinks – especially distilled ones – in religious ceremonies, birthday celebrations, funerals, are considered to be traditions strongly rooted in the sociocultural context of many communities. It, therefore, constitutes a powerful spreader of the alcohol consume among us. It is possible to notice that the countryside communities' consuming level of alcohol are concerning, although few discussed. It arose our interest in finding men and women from that area whose habits and representations made the subject clear, and naturalized the consume, which goes throughout rituals widely spread in the countryside. Alcoholic drinks are used for multiple purposes (religious, medicinal, and fun) and it is their daily routine.

Keywords: Alcoholism; alcoholic drinks; country community.

RESUMEN:

El consumo de bebidas alcohólicas es común en nivel mundial. La influencia de algunas culturas que establecen prácticas y rituales tales como consumir bebidas alcohólicas, principalmente, las destiladas en ceremonias religiosas, conmemoraciones de nacimientos, momentos fúnebres y otras situaciones son tradiciones que están fuertemente arraigadas en el contexto social y cultural de muchas comunidades y se constituyen un potente difusor del uso de alcohol en nuestra sociedad. Aunque poco se habla de ese consumo en las comunidades rurales, podemos percibir que los datos son preocupantes en esa población lo que nos despertó interés en buscar entre varones y mujeres rurales sus representaciones y hábitos sobre ese tema y la naturalización del consumo que se difunde en rituales en la comunidad estudiada. La bebida es usada para diferentes objetivos (religiosos, medicinales y de diversión) y está presente en el cotidiano de esas personas.

Palabras clave: Alcoholismo; bebidas alcohólicas; comunidad rural.

1 INTRODUÇÃO

Os estudos sobre drogas têm demonstrado um crescente aumento do consumo de bebidas alcoólicas entre homens e mulheres. Porém, o que temos percebido é que essas pesquisas apontam somente para os centros urbanos. O que nos faz refletir sobre a invisibilidade das populações rurais e no desconhecimento tanto da relação dessas com a bebida alcoólica para os diversos fins como nos problemas que podem ser decorrentes de seu uso abusivo. Para tanto, a partir das observações do cotidiano de uma comunidade rural da mesorregião de Vitória da Conquista, realizamos uma pesquisa com o intuito de verificar quais as finalidades que se usa a bebida alcoólica e suas representações sociais acerca do alcoolista.

Dados comprovam que o padrão de consumo da bebida alcoólica, sua periodicidade e a quantidade utilizada estão intimamente relacionados a vários danos e riscos como acidentes e violência. De acordo com a Organização Mundial da Saúde, cerca de 3,3 milhões de pessoas morrem a cada ano em consequência dos efeitos nocivos do álcool em todo o mundo. Assim, aproximadamente 6% de todos os óbitos em âmbito mundial estão direta ou indiretamente relacionados à ingestão de álcool (OMS, 2014).

No Brasil, das morbidades, mortalidades e incapacidades associadas ao consumo da bebida alcoólica, a cirrose hepática é a mais incidente, de 63 e 60% entre homens e mulheres, respectivamente, em 2012. Os acidentes de trânsito correspondem a 18 e 5% (homens e mulheres) e os transtornos relacionados ao uso do álcool estima-se que seja de 8 e 3% entre homens e mulheres que têm predisposição para a dependência ou uso abusivo. Outro fato relevante é que, em todo o mundo, a população na faixa etária entre 20-49 anos, mais jovens, é a que mais morre em decorrência do uso do álcool (OMS, 2014).

Acredita-se que o abuso de álcool pode gerar sérios danos à saúde. É muito comum relacionar o excessivo consumo de bebidas alcoólicas à condição de vida precária, desencadeando uma saúde frágil e uma mortalidade precoce. O empregado não consegue desempenhar suas funções com destreza quando está alcoolizado, gerando, assim, problemas de ordem trabalhista, psicossocial, econômica e de consumo de álcool. Portanto, o efeito negativo do consumo abusivo da bebida alcoólica se instala na vida dessa pessoa que já não tem mais a direção de sua vida.

A dependência do álcool tem alto custo social, gerando internações hospitalares, atendimento na rede básica de saúde, podendo acionar outros dispositivos, tais como o sistema judiciário, previdenciário, desemprego, perda do papel de gestor familiar, diminuição de autoestima, baixo rendimento no trabalho, comprometimento na saúde física, dentre outros. O problema



relacionado ao uso do álcool passa a constituir uma prioridade, uma vez que implica em comportamentos relacionados a esse consumo, por exemplo, a dependência, que está presente no convívio social. Assim, o uso de bebida alcoólica pode, a depender do contexto, apresentar sérios riscos biológicos, psicológicos e sociais, constituindo, desse modo, um grave problema de saúde pública.

Muitas transformações ocorreram no Brasil, nas últimas décadas, e junto com o aumento da população urbana, o modo de vida nas comunidades rurais também se modificou. O acesso às tecnologias mudou significativamente a vida das pessoas e facilitou o acesso aos bens de consumo, inclusive de bebidas alcoólicas, o que fez da indústria do álcool um mercado em expansão. De acordo com o II Levantamento Nacional de Álcool e Drogas – LENAD (LARANJEIRA, 2014), o consumo de bebidas alcoólicas pela população brasileira cresceu tanto entre homens quanto entre mulheres, assim como seus consequentes efeitos nocivos. Estima-se que 11,7 milhões de pessoas possam ser dependentes de álcool no Brasil (LARANJEIRA, 2014). A frequência de consumo da bebida alcoólica ingerida pela população, também, tem crescido significativamente. Em 2006, 42% da população adulta declarou beber pelo menos uma vez por semana; em 2012, 53% da população fez a mesma declaração. No que diz respeito às mulheres, o crescimento foi ainda mais significativo, passando de 27% em 2006 para 38% em 2012 (LARANJEIRA, 2014). As mulheres também representaram maiores índices de aumento do consumo em *binge*¹ entre 2006, 34%, e 2012, 48%.

Os dados apontados nos levam a inferir que o consumo de bebida alcoólica constitui um desafio da saúde pública no país. Tal consumo se dá nos diversos segmentos da sociedade, mantendo uma relação direta com outros agravos sociais, como violência, acidentes de trânsito, crescimento da criminalidade (CASTANHA e ARAUJO, 2006). Conhecer esses dados faz-se importante na pesquisa para se ter uma dimensão da magnitude do problema em que o alcoolismo se insere, inclusive no meio rural, onde pudemos verificar que beber é quase que a única forma de manter tradições e se divertir.

Com o objetivo de identificar as representações sociais de homens e mulheres rurais sobre os usos do álcool, buscamos os sujeitos de um povoado da mesorregião de Vitória da Conquista - BA, localizado a aproximadamente 35 Km da sede do município e que tem uma população de 369 habitantes sendo 194 homens e 175 mulheres (SIAB, 2015). Destes, entrevistamos 11 homens e 09 mulheres com idade entre 25 a 75 anos, que se autodeclararam dependentes de bebidas alcoólicas.

¹ Beber em *binge* também chamado de beber pesado é definido como o consumo de bebidas alcoólicas de 5 doses ou mais, no caso de homens, e 4 doses ou mais, no caso de mulheres, em uma mesma ocasião, em um intervalo de até 2 horas.

Quanto à infraestrutura, o povoado dispõe de 01 Escola de Ensino Fundamental (anos iniciais) que funciona apenas no turno matutino em uma sala multisseriada, 01 Igreja Evangélica, 06 bares² (que também vendem gêneros alimentícios), 01 bar (que só vende bebidas), 01 campo de futebol, 01 casa de farinha e 01 associação de moradores (CESF, 2015).

Percebemos, na comunidade estudada, que o consumo de bebidas alcoólicas é uma prática comum. Além do seu valor histórico-cultural, o álcool é uma droga lícita de livre circulação e comercialização, o que leva a um aumento significativo do seu consumo. Este fato mostra a importância da investigação científica, tendo em vista que envolve fatores cognitivos, psicológicos, de representações sociais e da memória. Sendo assim, esta pesquisa de cunho qualitativo está baseada nas premissas da Teoria das Representações Sociais preconizada por Serge Moscovici (2003) perpassando pressupostos teóricos da memória coletiva de Halbwachs (1990). Assim, antes de situarmos o alcoolismo no meio rural, traçaremos algumas considerações sobre representações sociais e memória, bem como sobre a questão do álcool e alcoolismo, mostrando as relações de consumo e como este foi se constituindo como a droga lícita mais usada no Brasil e em alguns outros países.

2 ÁLCOOL E ALCOOLISMO: ALGUNS APONTAMENTOS

A transmissão de um comportamento por meio da memória produz uma significação a esse processo, o que lhe confere uma identidade, sendo, portanto, objeto de representação social (MOSCOVICI, 2003). As comunidades rurais são dotadas de saberes e práticas socialmente construídos. As tradições locais e a transmissão de valores culturais compartilhados e apreendidos pelo grupo demonstram o papel mediador das representações sociais entre os fenômenos simbólicos compartilhados e a memória.

Muitas manifestações culturais são transmitidas de pessoa a pessoa, de pai para filho, de um grupo para outro, através de registros guardados nas lembranças do grupo. Tal fato passa a assumir o papel de garantir a perpetuação dos saberes culturais de geração em geração.

Ao observarmos o processo de construção da memória, é possível constatar que o indivíduo transporta lembranças e imagens de pertença a um grupo que, segundo Halbwachs (1990), vai influenciar as relações sociais. Para ele, nas sociedades rurais, é comum confiar aos mais velhos a atribuição de transmitir os costumes e tradições às crianças, enquanto seus pais estão no campo ou envolvidos em outras atividades diárias. Uma história que se mantém viva, que se perpetua ou se

² Embora em algumas localidades, costuma-se denominar de venda ou mercearia, os lugares que vendem gêneros alimentícios, nesta localidade, denominam, de forma genérica, estes estabelecimentos como bar.



renova através dos tempos. A cultura e os gostos demonstrados nas escolhas e nas relações sociais têm muita significação.

Concordando com Duveen (apud MOSCOVICI, 2003, p. 8), as pessoas, normalmente, em suas relações e práticas cotidianas, formam representações para interagirem no meio social visando criar uma forma de estabilidade neste grupo de convivência. Essas representações se dão pelas interações e experiências vivenciadas no grupo de pertencimento, sejam movidas pelos meios de comunicação de massa ou pela escola, enfim, pelos mais diversos canais difusores de pensamentos e valores do grupo.

No que se refere ao consumo de álcool, os sujeitos constroem um sistema de representação através do qual são capazes de administrar suas interações com a bebida alcoólica criando estratégias a fim de tornar sua utilização uma prática comum e natural no meio social. Este processo pode ser fortemente efetivo na medida em que os homens e mulheres rurais expressem, seja pela fala seja pelo comportamento, suas aspirações sobre o álcool, seus sentimentos, influências e significações em suas vidas.

A realidade rural em relação ao consumo de bebidas alcoólicas não difere da história de vida de nossos antepassados e, segundo relatos sobre a história das civilizações, de acordo com Bertoni (2015, p. 23):

[...] historiadores apontam que há registros arqueológicos revelando que os primeiros indícios de seu consumo pelo ser humano datam, aproximadamente, do ano 6000 a.C.; outros ainda afirmam que esta data se estende até 10000 a.C., dados estes que, do ponto de vista da Antropologia, revelam que o costume não é tão antigo assim, mas que tem persistido durante milhares de anos.

Para MacRae (2014), o uso de bebidas alcoólicas remonta à Pré-História e o seu emprego como medicamento já era mencionado em documentos do Oriente Médio, datados de 2200 a.C. Mais precisamente no período neolítico³, quando houve o surgimento da agricultura e da cerâmica, a partir de um processo de fermentação natural, os indivíduos passaram a usar as frutas fermentadas, sendo atribuídas ao álcool diferentes significações. “Um aspecto importante é que o domínio da técnica da cerâmica, datado do período neolítico, provavelmente tenha impulsionado o armazenamento, o consumo e o comércio do álcool obtido pela fermentação de frutos” (BERTONI, 2007, p. 24), incrementado seu valor mercadológico.

³ Período Neolítico corresponde ao último período da Pré-História, também conhecido como Pedra Polida e de Nova Pedra com duração de aproximadamente 8 mil anos a. C., encerrando com a escrita. Teve como características relevantes o sedentarismo (com a produção do alimento feita pelo homem não havia preocupação de busca pela comida), a agricultura e organização social com a constituição da propriedade privada e do Estado (GEORGIA, 2012).

As bebidas fermentadas já eram, no Oriente Médio, um elemento que a população que fazia parte da elite emergente, controlava a produção de bens, demonstrava *status* e estabelecia comércio com outros povos (BAU, 2002, p. 184).

Quanto a outros usos, existem relatos, por exemplo, que em 2200 a. C. recomendava-se o consumo de cerveja como tônico a mulheres em estado de lactação. Em 2000 a. C., já é possível encontrar escritos que relatam os efeitos prejudiciais que o consumo excessivo do álcool traz à vida das pessoas (ESCOHOTADO, 2003, p.19-20).

Na Bíblia Sagrada são muitas as referências do consumo do vinho. Em Gênesis, capítulo 9, versículo 21, relata-se a embriaguez de Noé que após ter bebido vinho excessivamente, põe-se nu em sua tenda. Outra referência bíblica do consumo abusivo do álcool é a de Ló que após embriagar-se por duas noites consecutivas manteve relações sexuais com suas filhas, em Gênesis, capítulo 19, versículo 33-35 (A BÍBLIA DA MULHER, 2002, p. 20 e 35).

Os gregos usavam o vinho e a cerveja em festas, há relatos do consumo da combinação do extrato do haxixe com vinho e mirra como estimulante em festas privadas (ESCOHOTADO, 2003, p. 25). Apesar desse uso rotineiro, os gregos estavam atentos à dependência e aos danos sociais e individuais trazidos pelo álcool e outras drogas. Cultuavam dentre vários deuses Dionísio, um deus planta, o qual traz o vinho como símbolo a suas celebrações que eram marcadas por manobras de suspensão da identidade pessoal e prática de orgias (ESCOHOTADO, 2003, p. 26).

Nos tempos mais remotos, ritos eucarísticos romanos exigiam longos períodos de jejum, além de outras práticas, como por exemplo, seguir vários dias a pão e água e um vaso de vinho. Desse modo, surgiram ritos que suscitavam embriaguez, festas barulhentas, com práticas de fornicção (ESCOHOTADO, 2003, p. 37-38).

Apesar da prática de beber constituir um costume antigo, esta nem sempre representava um problema à civilização. Segundo Bertoni (2006, p. 28), os gregos sempre consideraram o consumo do vinho e da cerveja, em doses terapêuticas, bom para a saúde, além de usar para fins cerimoniais e lúdicos junto com outras drogas como o ópio.

Os romanos antigos também eram adeptos ao álcool, havendo apenas restrição de consumo para as mulheres e menores de 30 anos. Escotado (2003) relata o fato de matarem mulheres devido às mesmas terem sido pegas bebendo dentro da adega.

No século XII, os alquimistas descobrem o álcool. Apesar de já ter sido criado no Egito, os árabes aprimoraram seu manejo no processo de destilação de algumas substâncias como perfumes e licores (ESCOHOTADO, 2003). O teor alcoólico empregado nos licores superava o do vinho, o que ocasionava a embriaguez mais rápida e profunda, além de conferir uma grande variedade de sabores



trazendo uma considerável margem de lucro. A bebida destilada, por ter mais estabilidade que o vinho, expandiu-se rapidamente, sendo amplamente comercializada entre vários países (ESCOHOTADO, 2003).

Dados históricos do século X apontam as bebidas alcoólicas utilizadas para fins medicinais ao tempo em que a Igreja começa a perseguir os alquimistas e as bruxas, os quais são considerados contrários à vontade de Deus que realizam seus feitos com o auxílio do diabo. Assim declara MacRae (2013, p. 33):

[...] o emprego de drogas para fins terapêuticos tornara-se sinônimo de bruxaria ou heresia a ser punida, tanto por católicos como por protestantes, com torturas e morte. As acusações serviam, evidentemente, a fins políticos e econômicos. Ajudavam, também, a estigmatizar grupos, como o das mulheres, dos camponeses e dos pensadores que punham em questão os dogmas eclesiásticos.

É oportuno salientar que as mulheres denominadas de “bruxas” sofreram maior perseguição apenas por apresentar conhecimentos de propriedades medicinais e aplicá-las. Acreditamos que tais conhecimentos tenham contribuído para a descoberta dos mais diversos medicamentos utilizados atualmente no nosso meio.

No final do século XVIII e início da Revolução Industrial, grandes mudanças demográficas e comportamentais ocorreram. Associadas a isso, houve uma maior difusão dos destilados e conseqüentemente maior consumo, levando a um considerável aumento do número de pessoas com problemas decorrentes do uso da bebida. As mudanças sociais e as conseqüências das guerras marcaram o século XIX provocando sofrimento e alastrando o consumo abusivo do álcool e outras drogas.

Na tentativa de resolver os problemas gerados pelo consumo abusivo de álcool, no século XX, países como a França e os Estados Unidos começaram a se mobilizar criando leis e campanhas populares proibicionistas na tentativa de controlar o seu consumo. A França estabeleceu a maioria de 18 anos para o consumo de bebida alcoólica e o estado Americano decretou, em 1920, a Lei Seca que proibia a fabricação, troca, venda, transporte, importação, exportação, distribuição, posse e consumo de bebida alcoólica. Segundo Bertoni (2007, p. 33),

[...] do que se têm notícias, a proibição da venda e/ou do consumo de álcool não teve grandes resultados. Pelo contrário, na vigência da “Lei Seca” (década de 1930) nos Estados Unidos, o comércio clandestino foi mais estimulado e, de acordo com alguns autores, nunca se consumiu tanto na história daquele país. Esta não fora apenas uma medida preventiva ou de saúde pública, havia outros interesses que circundavam o favorecimento da vigência desta lei, sobretudo o aumento de impostos e a grande influência dos movimentos protestantes no país.

Essa lei teve duração de 12 anos e não teve uma boa aprovação no que se refere às áreas da economia e saúde americana.

A cultura de uma população pode-se dizer que ocupa lugar de destaque na constituição histórico-estrutural dos hábitos e práticas socialmente aceitáveis por parte da comunidade. Entretanto, é oportuno salientar que a sociedade está intimamente relacionada aos seus costumes e valores, e não aos riscos e danos que o consumo do álcool possa gerar à sua vida. Desse modo, são diversas as formas de representações sociais do álcool em uma sociedade. Assim, diferentes padrões culturais vão gerar diferentes formas de posicionamento diante do uso da bebida alcoólica.

A grande maioria das pessoas quando bebe procura fazê-lo moderadamente, de modo que não traga problemas nem para si, nem para sociedade. Porém, a cada dia, conforme consideramos, anteriormente, beber pesado (*binge*) tem se constituído uma prática comum tanto entre homens quanto entre mulheres. O que pode estar intimamente relacionado a vários danos, tais como comportamento sexual de risco, saúde fragilizada, doenças cardiovasculares, gravidez indesejada, uso de drogas ilícitas, acidentes domésticos, violências, acidentes de trânsito, problemas psicossociais, dificuldade de socialização, dentre outros, além de estar relacionado ao aumento da mortalidade por doenças cardiovasculares e transtornos psiquiátricos.

Existem diversas formas de consumo de álcool capazes de causar danos ao indivíduo, pois o conceito de uso problemático de álcool não se aplica apenas aos dependentes ou aqueles que chegam aos serviços públicos com hálito alcoólico (JOMAR e ABREU, 2011). Práticas como beber exageradamente e com uma maior frequência apresentam prejuízos físicos ou mentais em decorrência da bebida, fazendo com que esse consumo constitua padrões geradores de riscos nocivos para o indivíduo.

Para conceituar o alcoolismo, faz-se necessário recorrer a alguns fatores determinantes/condicionantes capazes de influenciar esse processo, por exemplo, o biológico no que diz respeito à vulnerabilidade genética, ao componente hereditário em que pesquisas demonstraram que filhos de pais biológicos alcoolistas e que eram criados por pais não alcoolistas desenvolviam alcoolismo com maior frequência que o esperado (PAULIN, 1994); psicológico como traços comportamentais comuns da personalidade, tais como regressão, exibicionismo, distúrbio da sexualidade, que podem ser encontrados associados ao consumo do álcool; fatores socioculturais, visto que as pessoas que convivem em um ambiente onde o consumo de álcool é comum e aceitável têm maior probabilidade de fazer uso da bebida; situação econômica instável, como desemprego, fome e dificuldade de sobrevivência, o uso do álcool serve para aliviar a angústia.



A primeira definição de alcoolismo, segundo Gigliotti e Bessa (2004, p. 11-12),

[...] surgiu no século XVIII, logo após a crescente produção e comercialização do álcool destilado, conseqüente à Revolução Industrial. Desse período, destacam-se dois autores: Benjamim Rush e Thomas Trotter. O primeiro, um psiquiatra americano, foi responsável pela célebre frase: “Beber inicia no ato de liberdade, caminha para o hábito e, finalmente, afunda na necessidade”. O segundo foi quem, pela primeira vez, referiu-se ao alcoolismo como “doença”. Outro autor de relevância foi o sueco Magnus Huss (1849), que introduziu o conceito de “alcoolismo crônico”, estado de intoxicação pelo álcool que se apresentava com sintomas físicos, psiquiátricos ou mistos.

Como se pode ver, no início não se utilizavam critérios formais de diagnósticos ao se definir a dependência do álcool. Esses critérios foram criados mais tarde na segunda metade do século XX pelos Códigos Internacionais de Doenças (CID) e Manuais Diagnósticos Estatísticos (Associação Americana de Psiquiatria).

O conceito de alcoolismo representa um fenômeno bastante complexo, pois ao mesmo tempo em que tem uma caracterização enquanto doença em um contexto biológico traz um padrão moral e social que ao ser considerado em sua conceituação o torna um vício. Desse modo, o alcoolismo pode ser definido como

[...] uma doença crônica, com aspectos comportamentais e socioeconômicos, caracterizada pelo consumo compulsivo de álcool, em que o usuário se torna progressivamente tolerante à intoxicação produzida pela droga e desenvolve sinais e sintomas de abstinência, quando a mesma é retirada (VARELLA, 2011, p. 1).

O IV Manual Diagnóstico Estatístico (DSM-IV) da Associação Americana de Psiquiatria define dependência do álcool como a repetição de problemas decorrentes do uso do álcool em, pelo menos, 3 das 7 áreas de funcionamento, ocorrendo conjuntamente em um período mínimo de 12 meses. Os elementos da dependência alcoólica são: estreitamento do repertório, saliência do comportamento de busca do álcool, aumento da tolerância ao álcool, sintomas repetidos de abstinência, alívio ou evitação dos sintomas de abstinência pelo aumento da ingestão da bebida, percepção subjetiva da vontade de beber e reinstalação após abstinência (GIGLIOTTI e BESSA, 2004, p. 12).

Por muito tempo, o indivíduo que bebia muito e possuía sérios problemas com a ingestão de bebida alcoólica era definido como alcoólatra. Atualmente, este termo não é mais usado, pois representa um indivíduo que “idolatra” a bebida e que, por conta disso, resolve continuar ingerindo o álcool, mesmo conhecendo os prejuízos que ela pode trazer à sua vida. O nome alcoólatra transporta ao indivíduo o rótulo e estigma depreciativo, como alguém incapaz, sem perspectivas, em

que o álcool é prioridade na vida. Sendo que tal condição não retrata o real estado da pessoa que, ao ser dependente, bebe muitas vezes para conter os efeitos da abstinência (SOUZA, 2012, p. 26).

Em substituição ao termo alcoólatra, surge o termo alcoolista através do qual o indivíduo se torna menos estigmatizado, indicando que ele tem dependência do álcool, está exposto a muitos riscos toda vez que consome em quantidade excessiva e frequentemente, mas não pode se responsabilizar sozinho, pois faz uso de uma substância lícita que é socialmente aceita e livre.

Entender o alcoolismo não é uma tarefa fácil. Os diversos fatores capazes de levar o indivíduo ao consumo excessivo e dependência do álcool envolvem aspectos orgânicos, sociais, psicológicos, econômicos, que requerem melhor compreensão dessa problemática para o desenvolvimento de projetos terapêuticos e de enfrentamento desse distúrbio que tem perturbado a vida das pessoas que vivenciam esse problema.

Como foi possível ver, consumir bebida alcoólica é um hábito que faz parte do contexto cultural de muitas pessoas. Quando nos reportamos ao aspecto cultural, gostaríamos de enfatizar que a cultura de um povo envolve questões como hábitos, costumes, normas, valores, conhecimentos, entre outros que regulam tudo que foi aprendido a partir da convivência em sociedade. Quando esse conhecimento passa a ser compartilhado entre os demais membros do grupo passa a configurar a realidade social desses indivíduos.

A cultura de um povo não é estática, está em constante mudança, é dinâmica e tem sua própria história e estrutura. Ela interage com outras culturas, pois nas sociedades há trocas culturais e influências mútuas. Assim, Silva e Silva (2006, p. 1) definem cultura da seguinte maneira:

[...] cultura abrange todas as realizações e os aspectos espirituais de um povo. Ou seja, em outras palavras, cultura é tudo aquilo produzido pela humanidade, seja no plano concreto ou no plano imaterial, desde artefatos e objetos até ideais e crenças. Cultura é todo complexo de conhecimento e toda habilidade humana empregada socialmente. Além disso, é também todo comportamento aprendido, de modo independente da questão biológica.

O consumo de bebidas alcoólicas é uma prática comum e bastante difundida nas comunidades rurais. Configura-se parte integrante da cultura popular⁴, constituindo um amplo quadro de significações que envolvem crenças, valores e tradições que são transmitidos através dos

⁴ Em âmbito internacional, a Recomendação sobre a Salvaguarda da Cultura Tradicional e Popular, documento gerado na 25ª Conferência Geral da Unesco em 1989, define a cultura tradicional e popular como “o conjunto de criações que emanam de uma comunidade cultural, fundadas na tradição, expressas por um grupo ou por indivíduos e que reconhecidamente respondem às expectativas da comunidade enquanto expressões de sua identidade cultural e social: as normas e os valores se transmitem oralmente, por imitação ou de outras maneiras” (COSTA, 2014, p. 1).



tempos. O saber local⁵ é materializado, compartilhado e transmitido ao grupo, constituindo, assim, uma representação.

Para Girardi (2008, p. 05), o “rural se transforma, seja pela melhoria da qualidade de vida de sua população, seja pela imposição de ritmos produtivos para atender à demanda crescente da população cada vez mais urbanizada”. Descrever as representações sociais do homem e mulher rurais sobre os usos do álcool implica primeiramente em caracterizar este espaço. Nessa perspectiva, em janeiro de 2016, tornou-se necessário o reconhecimento do espaço, local do desenvolvimento da pesquisa, sendo utilizado o diário de campo para o registro das informações sobre a área. Desse modo, buscou-se conhecer os valores e simbologias estabelecidos através dos tempos.

3 COMUNIDADE RURAL E O CONSUMO DE BEBIDAS ALCOÓLICAS: ENTRE MEMÓRIAS E REPRESENTAÇÕES

Conforme dissemos anteriormente, a pesquisa foi realizada em um povoado situado na zona rural de um município da mesorregião de Vitória da Conquista - BA. Após vivência comunitária e de “meio de estrada”⁶, conversas ao “pé da porta”⁷, diálogos informais com o Agente Comunitário de Saúde, moradores e alguns pacientes no consultório de enfermagem, observação e análise de dados e registros oficiais sobre a localidade (Fichas do Sistema de Informação da Atenção Básica – SIAB) foi possível conhecer a realidade local, sua história, constituição e estruturação de seu espaço. Cabe salientar que esse processo de observação e investigação teve início no segundo semestre de 2015.

A bebida alcoólica, na comunidade rural, é utilizada para diferentes finalidades, seguindo uma tradição cultural que a destina para uso em situações e objetivos mais diversos. As formas de consumo dependem dos hábitos e costumes locais, das relações de poder entre os gêneros feminino e masculino, na memória coletiva e na história da comunidade. A memória é um fenômeno presente nesse processo de representação do grupo, pois atualiza e dá significação ao passado, mantendo-o sempre ativo.

⁵ Para Albagli (2004, p. 23), o termo saber local refere-se ao conhecimento que “reside e desenvolve-se em crenças, valores e práticas comunitárias; provém do aprender fazendo, usando e interagindo. Esse conhecimento tácito encontra-se associado a contextos geográficos específicos; ele deriva da experimentação, sendo transmitido e desenvolvido por meio de interações locais”.

⁶ O termo meio de estrada se refere ao tipo de convivência casual, sem vínculos e compromissos, nas ruas e estradas.

⁷ A conversa ao pé da porta são conversas informais, do lado de fora da casa da pessoa, na frente da porta da casa, sem entrar.



A comunidade rural (local do desenvolvimento da pesquisa) dispõe de alguns valores culturais que se mantêm arraigados e atribui uma significação que é transmitida através das gerações. No que diz respeito à bebida alcoólica, o seu uso é muito comum nos eventos religiosos, por exemplo, nas comemorações dos santos padroeiros, como Santo Antônio, São João e São Pedro, no mês de junho, que são repletos de muita comida e bebida (licores, vinhos e quentões)⁸. Ao final dos jogos de futebol, que ocorrem todos os domingos pela manhã, todos os jogadores vão ao bar para tomar cerveja, cachaça e cortezano (bebida com sabor de ervas aromáticas), bebidas mais vendidas naquela localidade. Nas festas de Reis⁹ que ocorrem no final mês de dezembro e início de janeiro, o consumo de bebida alcoólica também é grande. Segundo alguns moradores, ao término das comemorações, é comum ver pessoas alcoolizadas pelas ruas. São as formas mais comumente difundidas e socialmente aceitáveis, sendo a bebida alcoólica utilizada como fonte de lazer e diversão. Uma tradição que perpetua, marcando a significação desses eventos na vida dessa comunidade.

Segundo o Sr. Lafinha, dono de um terreiro de candomblé¹⁰, a cachaça é a bebida utilizada na consagração do Exu¹¹. O Sr. Mota, sanfoneiro, afirma que a cachaça ao ser tomada antes de se iniciar uma apresentação tem a propriedade de afinar as cordas vocais permitindo uma cantoria de qualidade. A Sra. Lourdes, rezadeira, tem o hábito de molhar as pontas dos dedos com a cachaça e passar na testa em cruz, na nuca, nos pulsos e tornozelos como uma forma de conferir proteção ao corpo. A cachaça assume um papel revitalizador e protetor.

Segundo informação da Sra. Jissélia, outro costume também conhecido é o preparo da garrafa de cachaça com ervas naturais. Assim, adiciona-se o cipó mil homem¹² à cachaça para ter o efeito afrodisíaco e para fechar o corpo, protegendo de fluidos ruins. Colocar carqueja na cachaça,

⁸ Bebida feita à base de cachaça, gengibre, canela, açúcar e abacaxi, servida quente.

⁹ Segundo informação do Sr. Manoel, coordenador do reisado e morador da localidade onde está sendo desenvolvida a pesquisa, as festas de Reis consistem em uma comemoração com muito som e cores para anunciar o nascimento de Jesus. Um espetáculo de dança e teatro nas ruas que costuma parar de casa em casa, pedir permissão e fazer uma apresentação particular para aquela família, o agradecimento é em forma de comida, dinheiro ou bebida. Acredita-se que manter viva a tradição traz sorte para o ano todo.

¹⁰ O candomblé é uma religião de origem africana trazida pelos negros para o Brasil na época da escravidão. Os escravos cultuavam seus Orixás, que para o candomblé são deuses supremos. Os rituais do candomblé são realizados em templos chamados terreiros ou casas, sendo liderados só por mulheres (linhagem matriarcal), só por homens (linhagem patriarcal) ou por homens e mulheres (linhagem mista). A celebração do ritual é feita pelo pai ou a mãe de santo que inicia o despacho do Exu (CABRAL, 2016).

¹¹ O Exu é um Orixá que liga os humanos ao mundo dos Orixás. Confere proteção ao terreiro e seus filhos. Abençoa e traz prosperidade, fartura, fertilidade, boa sorte nos negócios, proteção astral. Se bem tratado retribui as oferendas em dobro, mas quando é esquecido se torna pior que um inimigo, fecha os caminhos e traz má sorte a aquele que o esqueceu.

¹² O Cipó Mil Homem é uma planta com grandes poderes medicinais. Recebeu esse nome pelo sanitaria Carlos Chagas que utilizou esse cipó no tratamento de vários operários contaminados com um tipo de malária. Está indicado para febre, asma, problema gástrico, gota, flatulência, diarreia, convulsão, cólica, verme, depressão etc. Não há relatos de seu poder afrodisíaco. Essa fama pegou talvez pela nomenclatura e pelo seu sabor amargo (GEORGIA, 2016).



na jurubeba ou no vinho é bom para o fígado, semente de sucupira na cachaça é bom para o estômago, tomar cachaça em jejum funciona como vermífugo (mata verme). Enfim, a cachaça é utilizada para uma infinidade de propósitos.

Outra forma de consumo da bebida alcoólica está atrelada a valores e tradições impostas pelo grupo familiar. Práticas culturais transmitidas através de gerações que envolvem celebrações e cortejos para anunciação do nascimento e morte. É tradição, por exemplo, no povoado, o preparo de uma cachaça com folhas e raízes denominada temperada¹³ quando a mulher engravida. Essa bebida fica em infusão e é oferecida aos visitantes após o parto dessa mulher como forma de comemoração do nascimento. Essa prática não é exclusiva dessa localidade rural. Ela era muito comum no sertão sergipano como se pode constatar no artigo de Menezes (2013, p. 24):

Ainda como parte da tradição no ritual do pós-parto, era oferecida aos visitantes, antes de servir o almoço, a meladilha – uma infusão de mel de abelha com cachaça, maturada durante vários meses. Em algumas áreas, adotavam a prática do uso de folhas dentro da infusão, como a erva-cidreira, o capim-santo, juntamente com cravo, canela e pimenta-do-reino. Outros sertanejos utilizavam as folhas da arruda no preparo que, segundo as suas crenças, tinha a finalidade de retirar os ‘olhos ruins’ da casa e da criança recém-nascida.

O nascimento de uma criança é motivo de muita alegria nas comunidades rurais, as famílias criam frangos durante toda a gestação para quando a criança nascer possam se reunir e fazer o tradicional pirão de parida¹⁴. Costume antigo que se perpetua há muitos anos, passado de mãe para filha, o pirão normalmente é servido aos domingos acompanhado da temperada como forma de confraternização. O preparo do pirão de parida e da temperada é um costume que já está sedimentado na memória da comunidade rural sendo compartilhado coletivamente.

A morte, apesar de ser um evento doloroso para a família, exige o compromisso de realizar uma celebração com muita comida e bebida alcoólica (cachaça). Tal tradição é comumente conhecida como “beber o morto”¹⁵. A tradição de beber o morto é muito antiga, ocorre no momento do velório, no qual os conhecidos do falecido se reúnem para honrar o morto e executar os preparativos do sepultamento. No espaço rural são comuns sepultamentos longos sendo, portanto, oferecidos café, comida e bebidas alcoólicas. Muitas vezes, sob o efeito do álcool e das lembranças

¹³ Bebida feita a partir da mistura da cachaça pura com algumas especiarias, tais como cebola, alho, alecrim, losna, arruda, hortelã, alfavaca, noz moscada, entre outros. Normalmente é servido na celebração do nascimento de um filho. Em algumas culturas africanas é utilizado como bebida de algum Orixá.

¹⁴ Comida apropriada para mulher pós-parto feita a partir do cozimento da galinha caipira e do pirão do próprio caldo. Acredita-se que dará mais força à mulher, ajudando-a na produção do leite.

¹⁵ O termo “Beber o Morto” se refere ao costume africano que teve início nos antigos rituais de morte de diversos países do continente. Constitui o ato de tomar bebida alcoólica, geralmente cachaça, em homenagem ao falecido (DANTAS, 2013).

dos vivos, os velórios acabam se tornando festivos. Quando alguém morre, se for alguém que tem um poder aquisitivo maior, é feito um verdadeiro banquete com carne, frango e muita bebida alcoólica, caso contrário é servida somente a cachaça. O consumo de bebidas alcoólicas nas celebrações é uma constante e faz parte da história dessa comunidade. Conforme relatos do Agente de Saúde Rivelino, algumas pessoas deixam de visitar as famílias se não tiver bebida alcoólica para oferecer. A falta da bebida alcoólica pode ser caracterizada como ato desrespeitoso à figura do morto.

A cultura local guarda tradições que estão fortemente arraigadas no cotidiano da comunidade rural. Apesar da influência cultural urbana nas gerações mais jovens, os valores e padrões culturais rurais ainda predominam nessa comunidade.

Ampliando o leque de utilidades da bebida alcoólica na comunidade rural, podemos ainda citar o uso para fins terapêuticos. Segundo informação da Sra. Rosana, é muito comum o uso da cachaça embebida em algodão e colocada no dente para alívio da dor, para “queimar o dente”, o uso da cerveja preta pelas lactantes para aumentar a produção do leite materno, umedecer a chupeta do bebê em vinho ou licores para acalmá-lo quando está chorando e ajudar a dormir; para o Sr. Marcos, o uso de conhaque com café e limão pela manhã em jejum pode ser utilizado para tratar infecção de garganta, enfim, uma infinidade de formas de aplicação da bebida para tratar as mais variadas enfermidades. Convém ressaltar que todas essas práticas são transmitidas de boca em boca, compartilhadas e reproduzidas, aceitas socialmente.

4 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Por ser considerada uma droga lícita, a bebida alcoólica está presente nos diversos segmentos da sociedade brasileira. Muitas vezes, o primeiro contato é feito em festas familiares ou religiosas das quais participam todos os membros de crianças a idosos. Sendo também utilizada com outros objetivos, inclusive de cura de enfermidades.

Como foi possível constatar, a bebida alcoólica é utilizada no meio rural para diversos fins. Segue uma tradição cultural e um marco histórico que se perpetua através das gerações. O consumo da bebida é uma prática preservada na memória coletiva do grupo e através das representações sociais é institucionalizada e transmitida por intermédio das relações de seus membros.

Percebe-se que a ingestão da bebida alcoólica é uma prática comum na comunidade estudada. Segundo dados da Ficha A (SIAB), 11% da população de estudo informa ser alcoolista, destes sujeitos, 14% são homens e 8% são mulheres. Como se pode ver, o alcoolismo representa um



problema relevante que merece intervenção ao considerar os danos, não apenas à saúde, mas também sociais, que o uso abusivo de álcool pode causar a esta população.

O consumo da bebida alcoólica é uma prática ligada às experiências tanto do indivíduo quanto ao grupo que ele pertence. A memória coletiva é a base para a apreensão dessas experiências, assegurando, de certo modo, sua repetição.

A comunidade rural possui identidade própria, construída a partir de experiências humanas histórico-culturais que se mantêm vivas e são reconstruídas através das representações que vão servir de ponte entre a memória e as diversas formas de reproduzir os saberes conforme os diferentes modos de vida. A questão que se coloca é como fazer para minorar as consequências advindas de seu uso abusivo e das pessoas que se tornam dependentes.

REFERÊNCIAS

A BIBLIA DA MULHER. São Paulo: Mundo Cristão, 2003.

ALBAGLI, S. Interesse Global no Saber Local: A Geopolítica da Biodiversidade. In: Seminário Saber Local/ Interesse global: propriedade intelectual, biodiversidade, e conhecimento tradicional na Amazônia. **Anais...** Belém: CESUPA: MPEG, 2004.

BAU, C. H. D. Estado atual e perspectivas da genética e epidemiologia do alcoolismo. **Ciênc. Saúde Coletiva**, vol. 7, n. 1, 2002.

BERTONI, L. M. Reflexões sobre a História do Alcoolismo. **Revista Hispeci & Lema Bebedouro** – SP: Unifafibe, 2006.

_____. **Se beber não dirija**: representações, juventude e publicidade de bebidas alcoólicas. Campinas – SP: Librum, 2015.

CABRAL, G. **Candomblé**. Disponível em <<http://www.brasilecola.uol.com.br/religião/candomblé.htm>>. Acesso em nov. 2016.

CASTANHA, A. R.; ARAUJO, L. F. de. Álcool e agentes comunitários de saúde: um estudo das representações sociais. **Psico** – USF, v. 11, n. 1, p. 85-94, jan/jun.2006.

COSTA, M. E. de A. Cultura Popular. In: REZENDE, M. B; GRIECO, B; TEIXEIRA, L; THOMPSON, A (Org.). **Dicionário IPHAN de Patrimônio Cultural**. 1. ed. Rio de Janeiro, Brasília: IPHAN/ DAF/Copedoc, 2014.

DANTAS, F. S. **Beber o Morto**. 2013. Disponível em <<http://www.direitoamemoria.blogspot.com.br/2013/beber-o-morto.html>>. Acesso em nov. 2015.

ESCOHOTADO, A. **Historia elemental de las drogas**. 2. ed. Barcelona: Anagrama, 2003.

GEORGIA, N. **Período Neolítico** – Características. Disponível em <<http://www.estudopratico.com.br/periodo-neolitico-caracteristicas>>. Acesso em nov. 2016.

GIRARDI, E. P. **O rural e o urbano: é possível uma tipologia?** Estudo parte da Tese de Doutorado Intitulada Proposição Teórica-metodológica de uma Cartografia Geográfica Crítica e sua aplicação no desenvolvimento do atlas da questão agrária brasileira. Presidente Prudente, 2008.

GIGLIOTTI, A.; BESSA, A. M. Síndrome de dependência do álcool: critérios diagnósticos. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, 26 (Supl-I): 2004, p. 11-13.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Revistas dos Tribunais Ltda, 1990.

JOMAR, R. T.; ABREU, A. M. M. Produção científica sobre consumo de bebidas alcoólicas em periódicos brasileiros de enfermagem. **Revista de Enfermagem**. Rio de Janeiro: UERJ, jul/set, 19 (3), 2011. p. 491-96.

LARANJEIRA, R. **II Levantamento nacional de álcool e drogas (LENAD)**. São Paulo: Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia para Políticas Públicas de Álcool e Outras Drogas (INPAD), UNIFESP, 2014.

MACRAE, E. A história e os contextos socioculturais do uso de drogas. In: **Sujeito, contextos e drogas**. Prevenção do uso de drogas. Capacitação para conselheiro e lideranças comunitárias. Módulo 1. 5. ed. Florianópolis: UFSC, 2013.

MENEZES, S. de S. M. Comida de ontem, comida de hoje. O que mudou na alimentação das comunidades tradicionais sertanejas? **OLAM**. Ano XIII, v. 1, n. 2, julho/dezembro. Rio Claro/SP, 2013. Disponível em <<http://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/olam/index>>. Acesso em jul. 2016.

MOSCOVICI, S. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Petrópolis – RJ: Vozes, 2003.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE [OMS]. **Relatório Global sobre Álcool e Saúde**. Genebra, Suíça, 2014.

PAULIN, L. F. R. da S. Conceito, etiologia e diagnóstico do alcoolismo: uma revisão. **Revista de Ciências Médicas – PUCCAMP**, Campinas 3(1): p. 5-8; janeiro/abril, 1994.

SILVA, K. V e SILVA, M. H. **Dicionário de conceitos históricos**. São Paulo: Contexto, 2006.

SISTEMA DE INFORMAÇÃO DA ATENÇÃO BÁSICA [SIAB]. Disponível em <<http://dab.saude.gov.br/portaldab/siab.php>>. Acesso em mai. 2015.

SOUZA, L. G. S. Profissionais de saúde da família e representações sociais do alcoolismo. **Tese de Doutorado**. Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo, 2012.

VARELLA, D. **Alcoolismo**. Causas e Consequências. 2011. Disponível em <<http://drauziovarella.com.br/dependencia-quimica/alcoolismo/alcoolismo/>>. Acesso em mai. 2015.

Recebido em 1 de novembro de 2016

Aprovado em 3 de abril de 2017

